

diz, simplesmente, que Deus «não pode ser pensado» (p. 93). Subentende pensado «por conceitos» e, como tal, (de)limitado e falseado. Nesse sentido, tem razão. Já Agostinho, aliás, dizia bem quando dizia: «Si comprehendis, non est Deus». Martínez L., porém, deixa de fora a hipótese de O pensar, como faz p. ex. Lévinas, como ideia finita do Infinito em nós. Ideia aberta, portanto, que evita incluir Deus na mesmidade unívoca de nós e do mundo. Ou como G. Marcel, que defendia, com razão, que, no pensamento humano, melhor que tentar «pensar (sur) Dieu», se procurará «pensar à Dieu». A esta tentativa de aprisionarmos Deus em nossos conceitos o autor faz corresponder a ideia de um Deus e uma religião de interesses em conflito com os interesses do indivíduo humano.

É evidente que estamos a simplificar, o que pode ser traiçoeiro para a verdade que o livro pretende dizer. As análises, críticas e propostas alternativas continuam. Sempre com a intenção de purificar a ideia de Deus (tal como a de salvação) e de a integrar na nova consciência da humanidade. Muita coisa de efectiva pertinência e interesse está aí, no trabalho de Martínez Lozano. A ler, todavia, com algum cuidado. P. ex., quando, integrando-se na via da teologia negativa, diz que convém pensar Deus como «o Vazio absoluto em que tudo é e que em tudo se manifesta» (p. 128); ou quando fala da ideologia da verdade absoluta, contraponto da ideologia do relativismo absoluto (p. 160). O caso é que, a seu modo, a verdade «em si» é sempre absoluta; relativos são o nosso conhecimento e a nossa expressão dela, seja enquanto verdade «para nós» (verdade hermenêutica) seja enquanto verdade «em nós» (verdade-correspondência). Só assim faz sentido falar de relatividade da verdade: o relativo é-o em face de algo de absoluto. Ou quando propõe que se

pense a salvação em termos de uma certa Unidade holística, sem dualismo de terra e Céu, homem e Deus (p. 206ss), embora tenha o cuidado de distinguir panteísmo de panenteísmo.

Como quer que seja, o livro, escrito com algum entusiasmo e algum calor, presta-se, sem dúvida, à revisão de muitas ideias, linguagens e comportamentos, por parte de quem pretenda falar de Deus e de salvação ou apresentar uma ideia da Igreja e da crença, sugerindo a ultrapassagem de modelos ultrapassados, próprios de paradigmas culturais ou de estádios de consciência colectiva hoje efectivamente ultrapassados. A pastoral, a liturgia, a pregação... podem ter muito a ganhar com as análises e as propostas apresentadas por Martínez Lozano. Uma selecta bibliografia, em nove páginas, enriquece o volume.

JORGE COUTINHO

PULIDO, Manuel Lázaro (Ed.), **El amor de Dios que es amor. Reflexiones en torno a la encíclica de Benedicto XVI *Deus caritas est***, Instituto Teológico «San Pedro de Alcántara», Cáceres, 2007, 416 p., 240 x 160, ISBN 978-84-611-6367-0.

O Instituto Teológico San Pedro de Alcántara teve a feliz ideia de promover um encontro de professores provenientes daquele mesmo Instituto e de outros centros teológicos e universitários, no intuito de aprofundar alguns dos múltiplos aspectos que se oferecem à consideração e sentidos que podem ser extraídos da encíclica *Deus caritas est*, mormente desta afirmação central que lhe serve de título. Resultou daí um conjunto de estudos, que M. Lázaro Pulido coligiu neste volume.

Cruzam-se nele, interdisciplinarmente, contribuições da Sagrada Escritura e da

teologia, da filosofia e da cultura gregas, da experiência mística cristã, da teologia e filosofia escolásticas, da própria reflexão pastoral. Estas diversas aproximações fenomenológicas, hermenêuticas e teológicas acabam por enriquecer a compreensão, quer do mistério de Deus que «é amor», quer do próprio amor humano como epifania do amor trinitário.

São os seguintes os temas e aspectos versados: apresentação da encíclica (Florentino Muñoz Muñoz); «A loucura divina de Eros no *Fedro* de Platão» (Pablo García Castillo); «O *Banquete*: da visão abstracta de Eros à história de amor de Alcibíades» (Ignacio García Peña); «O amor nas cartas de Paulo» (Senén Vidal García); «Compreensão desde a filosofia da afirmação 'Deus é amor' em São Boaventura» (M. Lázaro Pulido); «Eros e caridade em Duns Escoto» (Isidoro Guzmán Manzano); «Do bem transcendental ao bem material: análise do conceito de bondade na teoria metafísica de F. Suárez» (Ángel Poncela González); «Utopia cristã da civilização do amor segundo J. Donoso Cortés» (Alejandro de Villalmonste); «Amar como Jesus nos ama. Teresa de Lisieux e a caridade» (Emilio J. Martínez González); «O amor como relação. Reflexões sobre o amor em alguns escritos de J. Ratzinger (Ramón Piñero Mariño); «O amor conjugal, integração de 'eros' e 'ágape' (J. Silvio Botero Giraldo); «Compreensão do enamoramento» (J. María Mora Montes); «Homem, família e amor: uma visão evolucionista» (María del Rosario Encinas Guzmán).

Devemos estar gratos aos promotores do encontro e ao editor dos textos por este valioso contributo para o aprofundamento do mistério de Deus e do mistério da vida humana, na base da encíclica *Deus caritas est*.

LUÍS SALGADO

SAGRADA ESCRITURA

MORLA ASENSIO, Victor, **Job 1-28**, «Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén», Desclée de Brouwer, Bilbao, 2007, 500 p., 210 x 150, ISBN 978-84-330-2186-1.

Escrito volumoso, o presente texto constitui porventura um dos melhores estudos jamais realizados sobre o livro de Job. Nem admira, já que o autor possui uma invejável preparação científica pluridisciplinar: licenciado em Filosofia, Teologia e Filologia Trilingue, doutor em Sagrada Escritura, tem ensinado, na Universidade de Deusto (Bilbao), em áreas variadas, desde a dos estudos bíblicos (especialmente veterotestamentários) à Filosofia Medieval e às Línguas Clássicas; escreveu e publicou vários livros sobre o AT, foi coordenador do *Diccionario bíblico hebreo-español* (1994) e dirigiu a revisão do Antigo Testamento da *Nueva Biblia de Jerusalén* (Bilbao 1998).

O presente estudo divide-se em duas partes: uma Introdução (pp. 9-37) e um extenso Comentário (41-500), este subdividido em I-Prólogo (41-58) e II-Diálogos (59-500). Pedagogicamente, o autor começa por versar, na Introdução, o que considera algumas generalidades, para, só em seguida, se adentrar em dimensões mais profundas e obscuras. É assim que expõe primeiro alguns prolegómenos sobre o livro (nome, texto e versões), o autor e a data de composição. Seguem-se, dentro da mesma Introdução, considerações sobre aspectos literários (dimensão literária, estrutura, género literário, paralelos do Próximo Oriente). Passa depois a olhar o livro de Job por dentro, abordando temas inerentes, tais como o destino do malvado e a justiça divina, mistério divino e religiosidade verdadeira, a verdadeira sabedoria, a liberdade divina. Dá-nos conta,